ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIENCIAS, TECNOLOGIA E ENSINIO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA

À SOFIA, AS BATATAS

Lislaine da Silveira

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

Turma- 2002LL

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIENCIAS, TECNOLOGIA E ENSINIO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA

À SOFIA, AS BATATAS

Ensaio monográfico apresentado para a UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final para a obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras..

Orientadora: Profª Nilsa Andréa dos Santos

Aos mestres, com esperanças
Aos alunos, com respeito
A ambos, com carinho

A Nilsa a imagem de amizade

A minha mãe "Odete" a imagem de fortaleza
Ao meu filho Guilherme, amor igual jamais existirá.
A Taty, William, Luciani e Leandro, amor comparável
A Nilton Polizei,

E aos amigos de classe, principalmente aqueles que serão inesquecíveis: Márcia, Maria e Ricardo.

E a todos o sonho de um mundo mais justo e humano, que continuaremos sempre grandes amigos.
E a toda nação, minha convicção de que o caminho para um mundo melhor é a humildade e o amor com seu próximo.

Agradeço a minha amada mãe que me fez uma pessoa de personalidade, de perseverança e de luta, onde posso acreditar em mim mesma. A Maria e a Professora Nilsa.

_ Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma á a condição da sobrevivência da outro, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra.

Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintos. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundancias; mas, se as duas tribos dividem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermas a outra e recolhe os despejos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pólo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

(Machado de Assis, Quincas Borba, p. 19)

SUMÀRIO

Apresentação..... 07

Sofia x Social..... 09

Panorama histórico-social do Realismo..... 13

A vida surge como um campo de batalha..... 18

À Sofia, as batatas..... 22

Considerações Finais..... 38

Bibliografia..... 40

APRESENTAÇÃO

Os capítulos que constituem essa análise, procuram refletir sobre a constituição da personagem Sofia de 'Quincas Borba', sondando os passos capitalistas que englobam toda a obra machadiana. Esta sondagem foi feita no sentido de perceber o papel da mulher do século XIX. Para construção deste trabalho de análise buscamos como subsídio teórico e norteador os estudos sociológicos feito por Antonio Cândido, em específico na obra "Literatura e Sociedade" .

Como toda obra literária está enquadrada nos moldes de um movimento artístico a obra em estudo não é uma excessão, pois é uma das obras fundamentadoras do Movimento Realista. Este estudo é constituído em quatro partes intercaladas: Sofia x Social, Panorama histórico-filósofico do Realismo, A vida surge como um campo de batalha e Á Sofia, as batatas.

Na primeira parte desta análise fizemos uma abordagem da teoria sociológica que fundamenta este trabalho. Escolhemos-a porque ela pareceu-nos melhor para discutir as influências sociais no indivíduo, e também na construção de personagem como Sofia que é matéria-prima desta análise. Em segundo momento, é necessário apresentar o movimento literário realista para compreender as bases de uma sociedade na segunda metade do século XIX, em particular do contexto de Sofia de "Quincas Borba". No terceiro ponto, é feito um breve resumo da obra para que o leitor possa analisar cautelosamente o quarto momento deste trabalho, que é a de uma analise propriamente dita.

Neste ensaio monográfico estaremos percorrendo caminhos para satisfazer as inquietações enquanto leitora. Inquietação que esta surgiu no 1999, quando fizemos as leitura e alguns estudos na obra "Quincas Borba" de Joaquim Maria Machado de Assis.

As obras deste são ricas de significados, renomeado autor porque permite a cada grupo e a cada época nelas encontrar as suas obsessões e as suas necessidades de expressão. E neste caso perceber como a mulher era tratada na sociedade do século XIX. Assim, reconhecer a representatividade dela no contexto histórico-social da época.

Sofia x Social

Partindo dos dispositivos teóricos, inscritos no social e na história estaremos analisando a personagem Sofia de "Quincas Borba", do período denominado Realista, que está inserido na metade do século XIX, obra de Machado de Assis. Este trabalho é uma proposta de discussão teórica, buscando a literatura como matéria-prima de análise. Nossa abordagem partirá da visão social em que apresenta como conteúdo literário às atividades sociais e históricas da humanidade.

A literatura é uma manifestação do ser e do fazer humano, a qual define seu caráter sociológico do texto literário. A literatura é uma representação do externo que é reconhecido como social é também a única manifestação artística que tem a língua como matéria prima, e esta é um produto social.

É relevante estudar a literatura sob uma perspectiva social, devido a ela esta imbricada dos assuntos do homem que é um ser por excelência social. Dessa forma, D'Onofre (1999) afirma que:

> " a forma romanesca parece-nos ser a transposição para o plano literário da vida cotidiana na sociedade individualista nascida da produção para o mercado. Existe uma homologia rigorosa entre a forma literária do romance, tal como acabamos de definir, nas pegadas de Lukács e de Girard, e a relação cotidiana dos homens, numa sociedade produtora para o mercado"

Nesse sentido, Antonio Candido tem em comum ao estudo social da obra de arte, tendo em vista por considerar a ficção um aspecto social. "Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno...". (Candido, 2000.p.7)

A abordagem social feita na literatura analisa a sociedade "como produto e expressão da cultura e da civilização de um povo nas diversas fases de seu desenvolvimento". (D'ONOFRIO, 1999, p.85)

"O que é uma personagem?", para iniciar esta definição teremos que depararmos a princípio frente a frente com uma construção textual. E esta não desvincula leitor/texto, e nessa construção textual há um jogo de metalingüística que faz uma confusão existente entre a relação pessoa/personagem.

Mas, para esclarecer essa metalinguagem, o dicionário das ciências da linguagem permite a definir pessoa/personagem:

> "Uma leitura ingênua dos livros de ficção confunde personagens e pessoas. Chegaram mesmo a escrever "biografias" de personagens, explorando partes de sua vida ausente do livro ("O que fazia Hamlet durante seus anos de estudo?"). Esquece-se o problema da personagem é antes de tudo lingüístico, que não existe fora das palavras, que a personagem é "um ser de papel". Entretanto recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção".
>
> (Ducrot e Todorov, 1972. p.286)

Segundo Beth Brait(2000):

> "o problema da personagem é, antes de tudo, um problema lingüístico, pois a personagem não existe fora da palavra;
> as personagem representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção".

A personagem só existe no interno, por considerar a personagem como um ser lingüístico, que só existe na língua/ pela linguagem . No entanto, a personagem é verossímil, por isso é também social, por representar um tipo humano.

Nada mais importante para analisar uma obra literária do que trabalhar o aspecto social, em atenção à personagem protagonista, Sofia de "Quincas Borba", que enredam os fatos. A protagonista Sofia, representa uma classe social.

A obra literária "Quincas Borba" de Machado de Assis é constituída por aspectos sociais, por isso, nosso enfoque é social. Para garantir maior clareza e precisão da discussão proposta, buscaremos como principal fonte norteadora, em especial as da citação abaixo:

> "Por isso, quando investigamos tais fatores e tentamos distingui-los, percebemos, na medida em que é possível, que os mais plenamente significados são os *internos*, que costeiam as zonas indefiníveis da criação, além das quais, intacto e inabordável, persiste o mistério. *Há* todavia os *externos*, como aqueles de que se ocupará este artigo; secundários, não há duvida, como explicação; dependendo de um ponto de vista mais sociológico do que estético; mas necessários, senão à sondagem profunda das obras e dos criadores, pelo menos à compreensão das correntes, períodos constantes estéticas. Um autor alemão chega a dizer, neste sentido, que mesmo considerando-se a *priori* metafísico o valor artístico, só de modo sociológico é possível elucida-lo nas suas formas concretas particulares – pois nas sociedades civilizadas a criação é eminentemente *relação*, entre grupos criadores e grupos receptores de vários tipos".
>
> (Candido, 200.p.73)

Referindo-mos a obra machadiana "Quincas Borba", Antonio Candido, em "Literatura e Sociedade", define que:

> "ele possui certas dimensões sociais evidentes, cujas indicações faz parte qualquer estudo, histórico ou critico: referências a lugares, modas, usos; manifestações de atitudes de grupo ou de classe; expressão de um conceito de vida entre burguês e patriarcal". (CANDIDO, 2000. p.6)

Assim, mostrar a rotina vivida pelas personagens, não basta para definir o caráter sociológico deste estudo. Porém, a rotina vivida por esses personagens, já "repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar, a fim de penetrar no significado",(CANDIDO, 2000, p.6).

Neste sentido, a fim de penetrar no significado, podemos citar como exemplo casamento como uma compra de marido, esta compra tem um sentido social simbólico, porem esta é uma característica da época, que está representada claramente na obra por "Sofia" e "D. Tonica", que tem seus maridos por motivos de sobrevivência.

Na obra "Quincas Borba", ao transportar a época sociologicamente para nossos dias, notamos que a sociedade não hesita em declarar guerra contra o inimigo da paz, da lei, da ordem, como aqueles que não entram no sistema, "Rubião", ela irá combatê-lo com os mesmos meios que a guerra proporciona, ou seja, a extrema violência, outros mendigam a própria sobrevivência. Aqueles julgados-se predestinados a uma posição social superior, "Palha e Sofia", sentindo-se vítimas do inevitável.

A literatura de Machado de Assis, analisa seu dia-a-dia, pois está transplantando seu cotidiano para ser analisado sempre na intenção de melhorar. O conhecimento sobre o ser humano se amplia com o avanço da Ciência e os estudos passam ser feitos sob a ótica da Psicologia e da Sociologia.

Panorama histórico-filósofico do Realismo

Como ponto de partida para uma discussão teórica sobre o papel que a mulher exercia na sociedade do século XIX na obra "Quincas Borba" de Machado de Assis, é necessário compreender as bases do movimento literário realista.

A literatura realista surgiu na França (1821 – 1880) com a Publicação do romance "Madame Bovary", de Gustave Flaubert. E também a literatura naturalista na França, com publicação do romance "Therese Raquim", de Emile Zola (1867). Gustave Flaubert, sendo o primeiro escritor a pleitear para a prosa a preocupação científica com o intuito de captar a realidade em toda sua crueldade. O romancista observar minuciosamente os aspectos fisiológicos, patológicos e anatômicos, analisando eminentemente o real.

Neste período, as idéias de August Comte, Herbert Spencer, Charles Darwin, Hippolyte-Adolphe Taine e Balzac conquistaram os escritores brasileiros que entregaram ao espírito científico, negando a concepção dos românticos. Porém, nos séculos XVIII e XIX, August Comte, fundador da Teoria Positivista, que pretendia que o espírito humano devia renunciar a conhecer a natureza das coisas e contentar-se com as verdades tiradas da observação e da experiência dos fenômenos. August Comte, surge então reformulando o pensamento sobre o homem, propondo que o objeto das ciências Humanas ou Sociais seja "coisificado", desta forma deve ser estudado de fora, mantendo uma certa distancia entre o pesquisador e o objeto estudado. Assim, Chauí afirma que:

> "Comte enfatiza a idéia do homem como um ser social e propõe o estudo cientifico da sociedade: assim como há uma fisica da Natureza, deve haver uma fisica do social, a sociologia, que deve estudar os fatos humanos usando

> procedimentos, métodos e técnicas da natureza"
>
> (Chauí, 1994.p.272)

O "Evolucionista" Charles Darwin, mostra o processo de evolução das espécies a partir da seleção natural, ou seja, "o forte" tem condições de sobreviver. Os "fracos" naturalmente eliminados são produtos do meio e questiona as teorias religiosas sobre a Criação.

> "...o homem foi integrado no ambiente natural com origem e história natural. Ao receber o impulso da biologia, graças a Comte e Spencer, as ciências sociais tormaram-lhe conceitos e analogias. As leis científicas passaram a ser deduzidas do princípio fundamental da evolução. Concebeu-se o mundo como um processo de crescimento e evolução. A idéia de evolução espalhou-se largamente como a maior e a mais sedutora das crenças românticas. È o novo ideal cientifico, a noção revolucionaria do século, cuja presença é constante na sua vida intelectual e nas crenças dos homens. A sociedade foi encarada, sob o influxo da biologia, como um organismo composto de células em funcionamento harmônico e obedecendo às leis biológicas de crescimento e morte".
>
> (Coutinho, 1997.p.7)

E Hippolyte-Adolphe Taine, figura exponencial do positivismo francês, tentou aplicar cientificamente ao estudo das humanidades., a sua teoria determinista, que parte de três noções teóricas que constituíram ao homem, o meio, a história e hereditariedade. "...segundo o qual a arte era o produto determinado pela raça, pelo meio e pelo momento", (Cademartori, 2000.p.44)

Suas abordagens exerceram grandes influências sobre as teorias literárias e estéticas que vigoraram na segunda metade do século XIX.

Francis Bacon preconizava o empirismo, o pesquisador tem que ser indutivo, usar a observação e o raciocínio, ou seja, privilegiava a experiência como fonte de conhecimento. Desde o século XVI, Francis Bacon propõe que o verdadeiro cientista tem de ser como a abelha, a qual sua essência e a transforma em mel. Deste modo, notamos que o resultado é transformado pela busca da essência. Não podendo ser como as formigas que empilham dados, deve-se buscar os dados e transformá-los em resultados.

Partindo da visão deste teórico, percebemos que o homem e a sociedade passaram a ser estudo e explicados pelo prisma da ciência.

O romance realista no Brasil, nasceu em conseqüência da crise com a decadência econômica açucareira, o crescimento do prestígio dos estados do sul e o descontentamento da classe burguesa em ascensão da época, o que facilitou o acolhimento dos ideais abolicionistas e republicanos.

> "Pode-se afirmar que duas direções marcaram a evolução do Realismo no Brasil: a corrente social, atraída pelos problemas sociais, pelos temas urbanos, contemporâneos, pelos materiais comuns da vida cotidiana, e segundo a qual o Realismo às vezes descamba para o Naturalismo, quando assume posição filosófica e se submete á luz de uma "teoria"; e o movimento regionalista, que põe em relevo a cor local, o papel da Terra, que é a verdadeira personagem dessa literatura".
>
> (Coutinho, 1997.p.18)

No Brasil, considera-se 1881 como o ano inaugural do Realismo. De fato, este foi um ano marcante para a Literatura Realista Brasileira, com a publicação de dois romances fundamentais. Consideramos o primeiro romance realista de nossa literatura, "Memórias Póstumas de Brás Cubas," de Machado de Assis, e "O Mulato," de Aluízio Azevedo, sendo este o primeiro romance naturalista do Brasil.

No naturalismo, exagera-se a tendência de observar a realidade de forma científica, buscando evidenciar seus aspectos mais doentios ou brutais, é o Realismo e o Naturalismo levado ao extremo. Como nos mostra fragmento seguinte de "O Mulato" Aluízio de Azevedo:

> "Ana Rosa estremeceu toda, deu um grito, ficou lívida, levou as mãos aos olhos. Parecia-lhe ter reconhecido Raimundo naquele corpo ingüentado. Duvidou e, sem animo de formular um pensamento, abriu de súbito as vidraças. Era, com efeito, ele. (...) A moça deixou atrás de si, pelo chão, um grosso rastro de sangue, que lhe escorria debaixo das saias, tingindo-lhe os pés. E, no lugar da queda, ficou no assoalho uma poça vermelha". (O Mulato)

Segundo Cademartori,(2000) o fragmento em destaque "Observa-se, no exemplo, a preocupação com a exatidão da descrição: a personagem é apresenta minuciosamente nos seus traços exteriores que segundo o narrador, revelam o interior". (p.47)

O romance realista foi cultivado no Brasil por Machado de Assis, na segunda metade do século XIX, foi a época do apogeu da ciência, das descobertas científicas. No Brasil, aconteceram movimentos anti-escravagistas e posteriormente a Abolição dos Escravos (1888), seguida da Proclamação da República (1889). Diante dessas transformações já não havia clima para os versos românticos.

> "Na segunda metade do século XIX, os elementos sócias, econômicos e políticos que constituíam o arcabouço da civilização brasileira, a própria estrutura da sociedade, sofrem franca e radical transformação. De uma sociedade agrária , latifundiária, escravocrata, aristocrática, passava-se para uma civilização burguesa e urbana, fase preparatória da industrialização, mas já formadora de um marginalismo

> populacional, senão de um pequeno proletário urbano".
> (Coutinho,1997.p.17)

A Literatura Realista Brasileira ficou marcada por suas novas perspectivas, dada suas bases científicas, que racionalizou a intensificação das contradições da sociedade, o conhecimento sobre o ser humano se ampliou devido ao avanço da ciência e, assim estudos passaram a ser feitos sob a ótica da Psicologia e da Sociologia.

Na divisão tradicional da Literatura Brasileira, o ano considerado como data final do Realismo é 1893, com a publicação de "Missal" e "Broquéia," ambos de Cruz e Souza, obras inaugurais do Simbolismo, em que ele queria expressar sentimentos absurdos do mundo subconsciente. Mas, o início do Simbolismo não representa o fim do Realismo. Porém, após no marco inicial do Simbolismo no ano de 1893, foram publicadas obras consideradas realistas, tais como: "Dom Casmurro" (1900), "Esaú e Jacó" (1904) ambos de Machado de Assis.

A vida surge como um campo de batalha

A inexperiência ao ler uma obra que tanto me fascinou aconteceu no terceiro semestre do curso Letras em 1999, passaram outros semestres e esta obra ainda continuava a despertar curiosidade em saber mais desse mundo fascinante da ficção. E agora no oitavo semestre, onde temos que apresentar um trabalho monográfico que estou tendo a oportunidade de me aprofundar histórico e socialmente nesse maravilhoso mundo, onde a personagem Sofia, "Quincas Borba" mostra seu verdadeiro "EU", mostrando que todos nos possuímos uma personalidade ambígua, não é inteiramente boa, nem inteiramente má, e como ela agimos de acordo com a nossa conveniência.

Este romance apresenta características predominantes, relevando o interesse de Machado em observar o comportamento humano. Essas observações vão além das aparências e procuram atingir os motivos da conduta dos homens, descobrindo neles o egoísmo, a luxúria, a vaidade. Por trás dos atos aparentemente bons e honestos, os humanos surpreendem as verdadeiras intenções, o orgulho e a cobiça pelas coisas alheias, fazem revelar os desígnios ocultos dos indivíduos.

Então, se inicia a história: Quincas Borba, ao chegar a Barbacena, enamorou-se com uma viúva, Maria Piedade, esta tão acanhada que os suspiros do namorado ficavam sem eco.

O irmão de Maria Piedade, Rubião fez o possível para-vê-los casados, mas a viúva não resistiu, um pleuris a levou.

Foi através deste pequeno namoro que Rubião ficou sabendo que Quincas Borba tinha um grãozinho de sandice, ele o achava um homem esquisito.

Quincas Borba fora herdeiro universal de um tio, que morreu em 1867.

Rubião ex-professor que no momento administrava uma escola de meninos, por causa da moléstia do amigo, fechou a mesma para tratar do enfermo. Foi quando a dedicação de Rubião com enfermo aumentou, era paciente, risonho, dava-lhe o remédio

nas horas marcadas, levava-o para passear, e este cargo de enfermeiro durou mais de cinco meses, perto de seis.

Rubião um dia, perguntou ao médico qual era o real estado do amigo, e este lhe respondeu que estava completamente perdido, mas que fosse animando. Neste período que a moléstia ia comendo lentamente o cérebro de Quincas Borba, seu amigo descobriu que ele tinha um outro um grande amigo, e este era um cão, que era muito bonito, meio tamanho, pêlo cor chumbo, malhado de preto, que tinha o seu próprio nome Quincas Borba, e essa excentricidade tinha dois motivos, um doutrinário, outro particular. Quincas Borba era um admirador de si mesmo, por seu próprio nome ao seu cachorro, porém se ele morresse antes, como presumia, sobreviveria no nome do seu cão, e assim perpetuado no livro.

Quincas Borba decidiu que iria ao Rio de Janeiro, e voltaria no fim do mês, tinha negócios, neste momento Rubião ficou espantado que o enfermo estava melhorando, não ficava mais a cama, saia à rua e escrevia. No fim de uma semana mandou chamar um tabelião, queria registrar o seu testamento, enfim foram fazer o registro.

Quincas Borba viajou na manhã seguinte, e pede ao amigo que cuide bem do seu cão.

Rubião recebeu uma carta, datada do Rio de Janeiro, era de Quincas Borba, após ler a carta, percebe que a moléstia tinha tomado conta do cérebro de Quincas.

No inicio da semana seguinte, Rubião estava lendo os jornais da Corte, quando uma das noticia trazia a morte do senhor Joaquim Borba dos Santos, não tendo suportado a moléstia. Dizia também que o filósofo tinha muitos bens, e que o testamento está na cidade de Barbacena.

Antes de sua morte, Quincas Borba, pediu para seu amigo Brás Cubas, que lhe escrevesse uma carta a Rubião, para dar a noticia particularmente, e que tinha muitos agradecimentos. Após a morte do filosofo, o testamento foi aberto e Rubião foi nomeado herdeiro universal do testador, e os bens eram muitos, casas na corte, uma em

Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, jóias e dinheiro. E também que o herdeiro guardasse consigo o seu cachorro Quincas Borba, que fosse tratado como um humano.

Depois de regularizado os preliminares para a liquidação da herança, Rubião tratou de ir para o Rio de Janeiro, cidade aonde irá morar.

Rubião estava na estação de Vassouras, onde entra Sofia e o esposo Palha. Palha puxa conversa com Rubião, e o mesmo fala de sua herança com empolgação, então Palha apressou em apresentar-se, pois nenhum sabia o nome do outro. Rubião se apaixona por Sofia.

Palha sabendo da paixão de Rubião por Sofia incentiva a mulher a aceitar a corte do ex-professor, a fim de usufruir vantagens financeiras.

Segundo Alfredo Bosi,

> "Viana, Batista, Antunes, Camargo, Procópio Dias, Lobo Neves, Cotrim, Palha e Nóbrega, ou seja, o parasita, o bajulador confesso, o hipócrita profissional, o calculista, o cínico, todo que pretende gozar, aqui e agora, o fruto das suas manobras..." "Os tipos cínicos (quando estão por baixo) e hipócritas (quando estão por abaixo) não querem senão manter-se no degrau que já alcançaram ou que lhes foi concedido pela fortuna".
>
> (BOSI, 2000, p. 17)

O ingênuo Rubião sem desconfiar de nada, acredita ser correspondido pelo amor de Sofia. Ela faz o amor de Rubião aumentar, sem deixar de ser fiel a seu marido.

Enquanto, Sofia faz a cortesia ao rico apaixonado, seu marido vai enriquecendo. Muito sensível para a paixão não realizada, Rubião começa a ter atitudes estranhas, deixa –se explorar, esbanja a fortuna, entra na política por incentivo do Dr. Camacha e fracassa.

Seu amor por Sofia é tão grande, que ele pensa nela fixamente e vai enlouquecendo aos poucos e começa a criar fantasias, que é Napolião III. Rubião é abandonado pelo casal, tendo somente o cachorro por seu companheiro. É internado em uma clinica por Palha, certo dia foge para Barbacena, levando Quincas. Os dois unem-se em uma vida de miséria, tornando-se objeto de zombaria dos meninos de rua e de desocupados. Morre louco por causa do adultério sonhado e não vivido, e pronuncia a frase do Humanismo: "Ao vencedor, as batatas".

Quincas Borba, depois que o dono morreu, adoeceu e esganiçou infinitivamente, fugiu em busca de Rubião e amanheceu morto na rua, três dias depois.

A vida surge como um campo de batalha, onde homens lutam entre si, e procuram destruir uns aos outros para gozar poucos momentos de prazer e satisfazer seus desejos de riqueza e expor a sociedade os seus luxos.

Á Sofia, as batatas

Partindo do aspecto social, que constitui a obra Quincas Borba de Machado de Assis, estaremos analisando a personagem feminina Sofia, buscando neste estudo da personagem construir a representatividade a mulher na segunda metade do século XIX.

A obra Quincas Borba esta tematicamente enquadrada no realismo, que é característico do movimento e do escritor, a narrativa é mais preocupada com a analise psicológica, praticamente negam a subjetividade dos românticos, fazendo a crítica a partir do comportamento de determinadas personagens. O romance realista analisa a classe dominante, e as personagens são egoístas, apegadas a bens materiais e mulheres machadianas são enigmáticas,adulteras e dissimiladas. E Sofia é um dos enigmas de Machado Assis e também desta discussão teórica.

Como afirmamos anteriormente que o romance realista analisa a classe dominante, é importante salientar que em Quincas Borba, o protagonista Rubião era pobre e depois de ser herdeiro passou a ser um dos homens mais ricos da corte do Rio de Janeiro.

Na composição do romance Quincas Borba, Machado de Assis usa capítulos curtos, pois neles as idéias não se perdem, pelo contrario, as entrelinhas são valorizadas, há maior possibilidades de observação paralelas à narrativa, a obra é composta por 201 capítulos.

A partir desse momento a abordagem estará centrada na realidade social e particular e em particular da vida da bela Sofia, no Rio de Janeiro, da segunda metade do século XIX. Para maior clareza do objeto e da discussão teórica vale ressaltar que a mulher ocupava na família uma posição secundaria, inferior ao homem. A mulher burguesa exercia a atividade de uma espécie de administradora das tarefas do lar. Sofia não era diferente dirigia os trabalhos da cozinha, supervisionava a arrumação da casa,

cuidava das amas e ocupava-se de serviços de costureiras e providenciava e organizava reuniões e festas. Conforme fragmento abaixo:

> "Mando-lhe estas frutinhas para o almoço, se chegar a tempo; e, por ordem de Cristiano, fica intimado a vir jantar conosco, hoje, sem falta. Sua verdadeira amiga
> Sofia"
>
> (ASSIS, 1997, p. 36)

No romance, as personagens agem umas sobre as outras e revelam-se umas pelas outras. Dentro do universo do fictício, a autora Beth Brait(2000), descreve a "A personagem como função decorativa", a personagem se está no romance, desempenha uma função decorativa. Ela pode constituir um traço de cor local, ou um número indispensável à apresentação em uma cena em grupo. Este é o caso de D. Tonica e Maria Piedade, que foram colocadas para revelar a enigmática Sofia.

As personagens consideradas decorativas segundo Beth Brait, apresentam a caracterização pela variedade de classificação que inclui desde físicos, psicológicos , sociais , ideológicos e principalmente qualidades morais a tentemos para o fragmento da obra a personagem Beth Brait, que esclarece,

> Em Beth Brait(2000)
>
> Nessa passagem, é possível percebera função das personagens decorativas.Elas contribuem aqui para a caracterização de um dos núcleos de personagens do romance: a coletividade representada por brasileiros que, pouco a pouco, o narrador vai descortinando como dominados, sem consciência de sua existência miserável, biologicamente acomodados. A compreensão das características desse núcleo só pode ser conseguido por oposição a um outro, formando pelos portugueses que chegavam ao Brasil com o objetivo de enriquecer, e também pela tentativa de Aluisio de Azevedo realizar, através das relações

> sociais implicadas no acúmulo capital de um grupo ambicioso em franca oposição à pobreza e à ociosidade do outro.

Em todo o romance há um senso visual muito grande, inclusive de detalhes exteriores, como na atenção com a moda feminina. Porém, os vestidos, no século passado cobriam com cuidado o corpo da mulher, destacando as partes sexuais. Sofia usava de artifícios sedutores, como, decotes ousados ou o jogo de esconde e mostra os pés alternadamente, isto era lido na época como erotismo. Seu esposo Palha adorava exibir a esposa a sociedade. Como mostra a citação abaixo:

> "Tinha essa vaidade singular, decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particularidades".
> (ASSIS, 1997,p.39)

No fragmento da obra em estudo, fica claro a mulher é tomada como objeto, conforme demonstra ao longo do romance que o personagem Palha é o possuidor (proprietário) e Sofia como objeto possuído..

Esta é primeira visão masculina sobre a mulher da segunda metade do século XIX, na obra machadiana "Quincas Borba". Esta perspectiva nos leva a questionar qual a representatividade da mulher no século XIX? Ou ainda Sofia é personagem típico de expressão social do Realismo brasileiro? Essa primeira visão da mulher de Quincas Borba, é considerada apenas é conservado durante todo o romance ou a personagem apresenta surpresas ao longo do enredo?

Aparentemente, Machado de Assis, não foge a regra da época, em que o homem é visto como um ser superior e possuidor. Segundo Alfredo Bosi, o homem é envolvido

pelas características físicas que inclui desde corpo, gestos e voz, bem como ao modo de pensar que envolve a opção ideológica da personagem. Conforme fragmento abaixo:

> "Seus olhos serão olhos-ondas tragadores de homens vivos e mortos, e junto com os olhos virão espáduas e braços nus, colos magníficos, seios fartos, corpos bem feitos, bem conscientes do seu poder de sedução, e até joelhos". (p. 21, 2000)

O personagem Cristiano Palha sente-se orgulho em ser possuidor de Sofia, mesmo não a amando. Uma parte da narrativa ele demonstra ser possuidor de e ela objeto possuído, em uma passagem da obra em que ela cai de um cavalo, em um passeio que fez com Palha e Rubião. Ela fica preocupada de talvez ter sido vista em situação descomposta, e ele satisfeito em ser motivo da preocupação de Sofia, mostrando que ela era dele. O Conforme fragmento abaixo; implica na caracterização psicológica, isto é na personalidade do personagem Palha e talvez na do homem do período:

> "Aquele pudor medroso e incrédulo de Sofia fazia-lhe bem". Mostrava que era sua, totalmente sua, por isso mesmo que ele a possuía, considerava que era de grande senhor não se afligir coma vista casual e instantânea de um pedaço oculto do seu reino".
> (ASSIS, 1997, pg: 130)

Neste sentido Afrânio Coutinho (1996), descreve e identifica o personagem Palha, como,

> "As figuras torpes são claramente delineares, como a de Palha, marido de Sofia, cupido, astuto, desleal, revelado com uma segurança magistral nas cenas equivocas com a mulher, particularmente numa obscura conversa , lasciva, de um

> absoluto acerto como obra psicológica, em que ele mostra uma curiosidade mórbida de saber se o corpo da mulher teria sido entrevisto e admirado por Rubião. Há, porém , a boa figura de Dona Fernanda, que se diz ter sido oriunda de uma real, de grata recordação para o escritor, modelo de compreensão e de fidalguia".

O fragmento acima, analisa Palha como personagem que apresenta distúrbios psicológicos. Dado a (curiosidade mórbida) de expor sua mulher a admiração de Rubião. Nesse sentido o personagem pode ser julgado imoral a partir do ponto de vista da época. Isto é do burguês, que é extremante voltado para valorização da instituição familiar. Entretanto o narrador nos mostra através de seu romance, que para conseguir "status" nessa mesma sociedade burguesa, o casal Cristiano Palha e Sofia freqüentavam a vida social sem gostar totalmente do ambiente, que era um dos pré-requisitos do ingresso ascensão social . E Alfredo Bosi, afirma que:

> "Classes sociais, grupos de status, camadas ou estamentos, corporações militares, maçônicos ou religiosos; fazendeiros, negociantes, banqueiros, políticos, funcionários e empregados; comendadores e conselheiros do Império..., estas seriam as peças do sistema, as marcas de identidade que explicariam, pela dinâmica dos seus interesses, os comportamentos públicos e as intenções secretas..."
> (p.14, 2000).

Mas, para Palha e Sofia serem bem vistos pela sociedade, eles tinham que freqüentar esses ambientes sociais, juntos com essas personagens, caracterizadas planos e tipos de profissões e proprietários citados acima. Nestas ocasiões Palha gostava de presentear a esposa com jóias e vestidos caros, para que ela pudesse se exibir melhor, e

fosse cobiçada por todos, pois ele tinha prazer em mostrá-la, nesses ambientes da corte: Conforme apresentamos anteriormente, e também neste fragmento:

> "Ia muita vez ao teatro sem gostar dele, e a bailes, em que se divertia um pouco, - mas ia menos por si que para aparecer com os olhos da mulher, os olhos e os seios. Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia..."
>
> (ASSIS, 1997. pg: 39)

Numa destas ocasiões sociais, Dona Fernanda elogia o vestido de Sofia, e ela fizera notar que era, cor de palha, desta maneira, mesmo não morrendo de amor pelo marido, aludindo-o na presença dele, o bajulava e habilidosamente atraia para si os olhos de Teófilo, o marido de Dona Fernanda. E ele conclui que é impossível olhar o vestido sem notar a dona:

> Ela, em verdade nos seus melhores dias; o vestido sublimava da cintura e o relevo delicado das cadeiras:
> -era foulard, cor de palha.
> -Cor de palha, acentou Sofia rindo D. Fernanda o elogiou, pouco depois de entrar; cor de palha como lembrança este senhor". "... mas era difícil mira-lo sem mirar também o corpo da dona...".
>
> (ASSIS, 1997, pg.:141)

Significamente a personagem Sofia, aparece não mais como objeto, passiva, mas como personagem que sabe trabalhar com a linguagem no sentido de produzir ambigüidade. Nesse sentido a personagem é constituída de duas faces, ora a esposa dedicada e objeto (aparência) do marido ora na essência uma personagem que enreda a ação tanto de Palha quanto de Rubião,

Segundo Alfredo Bosi:

> "o objetivo principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império".

Nas obras de Machado de Assis, geralmente a mulher é ambígua, e tem grande habilidade em enganar, como Capitu. Ele tem a mulher como um elemento social que maneja e comanda. Assim Benjamim Abdala Junior, abordou duas grandes personagens que compõem este perfil Capitu e Sofia:

> "... Sofia, de Quincas Borba, só para citar duas de suas mais bem elaboradas e fortes personagens. Em Machado, geralmente a mulher é ambígua, astuciosa, cerebral. Nada tem da fragilidade romântica e tampouco é essa a sua intenção . Vê a mulher como um elemento social que maneja, comanda: nesse sentido, o nome de Capitu (Capitolina) é bastante elucidativo... Em Sofia, Quincas Borba, o exemplo cabal disto parece emergir com nitidez: ela é, como chamou José Carlos Garbuglio, "A composição e a decomposição", a metáfora da pilhagem...incentivada pelo próprio marido, Sofia catalisa a pilhagem, favorecendo o desequilíbrio, apressando a loucura, degradando o homem. Sofia é parte central neste jogo de que apenas Rubião ignora as regras e cujo fim é a posse que põe as pessoas a coberto das necessidades..."
>
> (Abdala, 1997,p.145)

Ao contrario de Capitu, Sofia habilmente enreda Palha de forma que este tenha a ilusão do domínio sobre a ela e sobre a situação. Deste modo, Sofia garante a sua ambigüidade e constitui-se uma personagem que determina diretamente o desfecho do enredo.

Mas aquelas mulheres que não conseguem resolver seus problemas choram, irritam lutam ou recolhe-se dignamente ao silêncio. O narrador nos apresenta, claramente um desse silêncio na personagem de D. Tonica, que representa o tipo solteirona, que já conta com seus trinta e nove anos, e uns olhos pretos, já cansados de tanto esperar. Vivia com o pai, o major Siqueira, que preocupava com a solteirisse da filha. O destino D. Tonica se não casasse iria viver da dependência de seu pai. Para D.Tonica o amor não vinha ao caso, pois o estado civil para uma moça, na segunda metade do século XIX, quase quarentona era vergonhoso, em que encontrava e que tanto queria sair. De um lado temos Sofia que é vista como objeto e de outro temos D. Tonica que quer ser objeto. Neste sentido instaura a ambigüidade social das personagens e simultaneamente da obra.

O sonho, não realizava, e em certa noite em seu quarto não tendo opção caiu em desespero e chorou em silêncio, pois não tinha com quem compartilhar suas dores. Conforme fragmento abaixo:

> "Quarentona, solteira; D.Tonica teve um calafrio. Olhou, recordou tudo, atirou-se à cama chorando...".
>
> (ASSIS, 1997, p. 46)

Segundo Ingred Stein, "o casamento representa uma espécie de eixo entre as personagens do romance". O casamento no século do XIX, era de fundamental importância na vida da mulher, nem sempre o sentimento eram de amor. O casamento da bela Sofia com Cristiano Palha não é inteiramente feito de amor, mas para a conveniência de ambos. "...o casamento nos tempos coloquiais era contrído visando principalmente a interesses econômicos e políticos, (Candido, 1995, Vários Escritos)" .Para Sofia, a questão da subsistência financeira, ficaria resolvida através do casamento, pois era filha de um ex -funcionário público. De forma similar à impossibilidade de casamento de D. Tonica, era preocupante, porém, o narrador deixa a entender que para

uma moça quarentona era vergonhoso o estado civil, que leva seu pai o major Siqueira a preocupar-se com a dependência literal da filha. Essa é um ponto ideológico identificador das diretrizes do século XIX.

> "A bela dama filha de um velho funcionário publico. Casou aos vinte anos comeste Cristiano de Almeida e Palha, zangão da praça, que então contava vinte e cinco. O marido ganhava dinheiro, era jeitoso, ativo, e tinha o faro dos negócios e das situações".
>
> (ASSIS, 1997)

Se analisarmos mais detidamente o casamento do século XIX, perceberemos que a função deste repouso tanto sobre as condições sociais (status) quanto sobre as condições econômicas (substanciais). Compreende-las é considerar que a criatura ficcional imita isto é, em *mimise* da realidade do homem do século XIX. Por isso o personagem é compreendido pelo contexto social em que esta inserido. Desta forma Antonio Candido, afirma:

> "Mas acontece que, além disso, o próprio assunto repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar a fim de penetrar no significado. Trata-se da compra de um marido; e teremos dado um passo social adiante se refletirmos que essa compra tem um sentido social simbólico, pois é ao mesmo tempo representação e desmascaramento de costumes vigentes na época, como casamento por dinheiro. Ao inventar a situação crua do esposo que se vende em contrato, mediante pagamento estipulado, a romancista desnuda as raízes da relação, isto é, faz uma analise socialmente radical, reduzindo o ato ao seu aspecto essencial de compra e venda".
>
> (Candido, 2000,p,6)

Ingred Stein, afirma que o casamento naquela época para as mulheres, era no mesmo nível de profissão, carreira política ou riqueza para os homens. E que as moças da metade do século XIX, antes do casamento o pretendente verificava os pré-requisitos a futura esposa, se ela fosse prenda daria boa esposa. "As moças deveriam ser, de preferência, belas; eram-lhe ensinadas as prendas da sociedade; músico, costura, bordado. Línguas, elementos que facilitassem um bom casamento". Sofia é responsável pelo desempenha do enredo é ela que articula a ação. Nesse sentido, ela convence a prima Maria Benedita, a importância do piano e do francês, instigando a praticá-los. Assim Sofia (a prepara) para obter um bom e conveniente matrimonio, desta forma consegue um noivo para a prima. E faz um comentário, exaltando o dinheiro do pretendente, não menciona em momento algum, em amor, pois ela quer juntar o útil ao agradável. Porém, o casamento para ela é um verdadeiro negócio, e chega a se glorificar:

> "Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho liquidasse a casa".
>
> (ASSIS, 1997, pg: 120)

Ao negociar o casamento da prima, Sofia desmascara-se e conseqüentemente desmascara a sociedade materialista em que vive, assim a personagem esclarece através de suas ações as questões ideológicas e sociais de que é produto. Assim Alfredo Bosi, afirma sobre um aspecto muito relevante na sociedade do século XVIII e XIX como definidora da características nobres do personagem românticos realista:

> "*Ser nobre*, não dependeria, portanto, do sangue ou do estamento em que se nasce (hipótese manifestamente

> progressiva), mas de qualidades intimas e disposições éticas raríssimas em qualquer tempo e lugar, o que é, por sua vez,pressuposto do moralismo clássico quando atribui ao barra humano um egoísmo universal... Desse burguês culto, ansioso pela conquista da própria autonomia e pela extinção de velhos preconceitos, e desse nobre, ao qual só restava o culto da dignidade pessoal, derivou um dos modelos ideais do individuo romântico-liberal do século XIX, nobre e burguês conjuntamente, desprezador do vulgo e dos potentados, analista irônico da mascarada social, mas crente na sabedoria dos seus instintos e na racionalidade dos seus interesses".
>
> (Alfredo Bosi ,2000. p. 50):

Em "Quincas Borba", a personagem Sofia deixa se levar pela ambição e é sempre calculista e em "Memória Póstumas de Brás Cuba" a personagem "Virgília se atira ao adultério com frieza instintiva, sem manifestar crise moral" (MASSAUD, 104) e Capitu, "Dom Casmurro", segue os mesmo passos:

> "... Às vezes, como já sabemos, iam os três, porque há coisas, dizia graciosamente Sofia, que só uma senhora escolhe bem. Rubião aceitava agradecido, e demorava o mais que podia as compras consultando sem propósito, inventando necessidades, tudo para ter mais tempo a moça ao pé de si. Esta deixava-se estar, falando, explicando demonstrando".
>
> (ASSIS, 1997, p. 32)

A obra Quincas Borba, é um claro exemplo da manifestação do realismo brasileiro, pois ela analisa tanto o personagem Palha quanto Sofia. A relação desses dois personagem

com os outros revela fundamentalmente o materialismo a falta de moral difundida no enredo. Para se entender a organização dos fatos no enredo e compreender este elemento estruturador Bosi, afirma que,

> "O narrador nos da aqui uma pista para iluminar o labirinto dos seus padrões de valor. Acudir a Rubião decaído era, como dizia Palha, uma "amolação". A quase indigência do homem fora obra das trapaças do mesmo Palha que o tivera por sócio enquanto lhe conviera. Sofia, por sua vez, ensaiara uma relação ambígua, cheia de obséquios e negaças, com o ricaço de Barbacena que lhe rendera palavras de adoração e jóias de alto preço; mas a inconveniências de Rubião a amedrontaram o bastante que depressa possível".
>
> (Bosi, 2000p.63)

Na obra "Quincas Borba", Machado de Assis de uma forma caba frustrando o leitor, que está interessado no trivial caso de adultério (Sofia, Palha e Rubião) sonhado, desejado e não realizado. O confronto da obra possibilita o leitor –ouvinte criar expectativas perante os fatos, mas o desfecho é inesperado conforme teorizou Massaud Moises, no fragmento abaixo:

> "Como se não bastasse, o romancista afasta a ironia e o humor explícitos, decerto a busca objetiva e penetrante dos fatos, movido pela intuição do "mistério" que subjaz aos acontecimentos de superfície".
>
> (MASSAUD, 105).

Desta forma, o romancista transforma a obra numa sátira ao homem e chega ser patético a paixão tão sonhada, idealizada que Rubião tem por Sofia. "E a sátira ferina se mascara, (ou se mostra na loucura que sobrevem a Rubião, e na falsidade de Sofia. (MASSAUS, 105). Assim sendo, Machado de Assis, através do narrador deixa

explicito momentos de loucura de Rubião, em que o personagem enlouquece vai a loucura pelo amor sonhado e não realizado, conforme citação abaixo:

> -"Senhor Rubião...
> -Napoleão, não, chama-me Luis. Sou o teu Luis, não é verdade, galante criatura? Teu, Teu... Chama-me teu; Luis, o teu querido Luis. Ai, se tu soubesse o gosto que me dás quando te ouço essas duas palavras "Meu Luis!"
>
> (ASSIS, 1997, p137)

Walter Benjamim, na sua obra Experiência e Pobreza, tece uma critica a sociedade, na qual podemos destacar em partes na obra "Quincas Borba", uma sociedade que não valoriza as raízes, que são o patrimônio humano, o que é passado de geração a geração, o que podemos cultivar, o amor, solidariedade, respeito pelo próximo, o prazer pelo trabalho honesto. Mas, Sofia e Palha tinham uma ansiedade muito grande na busca de seus ideais, vestindo uma máscara de terror, o que torna o mundo em que vivemos, uma guerra que mata por dentro e por fora, uma guerra para poder sobreviver, o que vem a carretar uma pobreza de espírito e de conhecimento.

O patrimônio humano podemos destacar também dentro da obra em questão, em que Maria Benedita, filha de D. Maria Augusta, prima de Sofia, moça humilde de poucos conhecimentos culturais, mas preservava um patrimônio de grandiosa beleza, que era a humildade, a simplicidade, o amor materno e uma pureza no coração.Essas características do patrimônio humano, sua prima Sofia não valorizava. Talvez não a tivesse, devido a sua historia e ao meio em que era produto,

> "As vezes, nem é preciso que ele caia; o vezes á tona da cara, leve que seja, - um nada. Deixemo-la rir, e ler a sua carta da roça.

> "... era natural, sem acanho de receira; e tinha um donaire particular, que corrigia as incoerências do vestido".
>
> "A educação foi sumaria: ler, escrever, doutrina e algumas obras de agulha".
> (ASSIS, 1997, p. 57 e 65)

Um ponto de analise da obra em que pode ser enfocado as ações das personagens esta no valor dado ao trabalho X oportunismo. Os personagens Sofia e Palha, usam de meios pouco lícitos para atingir seus objetivos, fazem isso para apropriar os bens do outro.Em relação a esta questão Walter Benjamin, enfatiza:

> "(...) um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhados. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígios de tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma ceta experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho".
> (BENJAMIN.EXPERIÊNCIA E POBREZA. P.114)

Os romances e contos machadianos "traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas". (BATTELLA, 1988. p 77). Suas personagens são movidas por seus próprios interesses. Tais como: Sofia "Quincas Borba" , suas reações são misteriosas e "que

nunca é totalmente desvendada nos seus recondimentos segredos e intenções..." (BATTELLA, 1988, p.77)

Desta forma, Machado de Assis consegue através da ficção mostrar a realidade por meio de suas personagens, que são sutis em relação do não-dito, assim seu enredo atinge a ambigüidade do narrador que confronta entre narrador e leitor que interpela e interfere no enredo. Dessa maneira, o narrador atinge a ambigüidade, levando o leitor a repensar no enredo e assim seus sentidos dialogam entre si.

Na obra machadiana "Quincas Borba" o leitor não apenas é solicitado a decodificar a mensagem, como também o narrador aparentemente pretende corrigir o julgamento que o leitor e Rubião teriam formulado a respeito de Sofia e seu possível envolvimento amoroso com Carlos Maria. Evidentemente, o leitor foi levado a esse julgamento falso pelo próprio narrador levantando um mar de suspeitas sobre a fidelidade de Sofia:

> "- o moço entrou; eu fiquei esperando, meia hora depois vi um vulto de mulher, ao longe, e desconfiei logo que ia para lá. Meu dito, meio feito; ela veio, veio devagar, olhando disfarçadamente para todos os lados; ao passar pela casa, não lhe digo nada, nem precisou bater; foi como mágica, a rotula abriu-se por si, e ela enfiou por ali dentro. Se eu já conheço isto. Em que é que Vossa Senhoria quer que a gente ganhe algum descobrindo mais? (...)".
>
> (ASSIS, 1997, p. 87)

Agora é o próprio narrador que jogo com o leitor, e tenta esclarecer que tudo não passou de calunia do leitor e do Rubião. Mostrando que o leito tem pouca percepção das diferenças entre causalidade ficcional e real:

> "... Ou, mais propriamente, capítulo edesorientado, não pode combinar as tristezas de Sofia com a anedota do cocheiro. E pergunta confuso: -Então a entrevista da rua da Harmonia, Sofia, Carlos Maria, esse chocalho de rimas sonoras e delinqüentes é tudo calunia? Calunia do leitor e de Rubião, não do pobre cocheiro, que não preferiu nomes, não chegou sequer a contar uma anedota verdadeira. É o que terias visto, se lesses com pauta. Sim, desgraçado, adverte bem que era inverossímil que um homem, indo a uma aventura daquelas, fizesse parar o tílburi diante da casa pactuada. Seria por uma testemunha ao crime. Há entre o céu e a terra muitas ruas do que sonha a sua filosofia – ruas transversais, onde o tílburi podia ficar esperando".
>
> (ASSIS, 1997, p.99)

A mulher da segunda metade do século XIX, é uma mulher que aderiu as condições do meio em que a constituiu. Assim, podemos afirmar que Sofia é um referencial do que seria a mulher da época. Demonstrando assim, que a representatividade da mulher é determinada por fatores sociais, morais e ideológicos, que são convertidos ao contexto social burguês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra Quincas Borba, de Machado de Assis trabalha os aspectos sociais, em particular da mulher (Sofia) da segunda metade do século XIX, mostrando que na busca constante pela sobrevivência e por "Status", torna-se uma personagem egoísta e ambígua, deixando que tudo e todos passem sem que percebemos, simplesmente porque ela está alienada no momento, no agora, buscando esquecer ou não pensar no futuro e muito menos não querendo recordar o passado, atropelando o prazer e matando a moral.

Sofia é uma personagem dissimulada, cheia de ironia, que vem para fortalecer a teoria "Evolucionista" Charles Darwin, que mostra o processo de evolução das espécies a partir da seleção natural, ou seja, "o forte" tem condições de sobreviver. Os "fracos" naturalmente eliminados são produtos do meio e questiona as teorias religiosas sobre a Criação. A ela, somente a ela "Ao vencedor, as batatas".

Partindo da discussão teórica feita sobre o objetivo de pesquisar percebemos, pois apresentava a face que o melhor convia que Sofia, é uma mulher superior ao seu tempo, no sentido de uma multifacetada, pois apresentava a face que melhor lhe convia com a situação, por isso podemos afirmar que Sofia é um ser lingüístico, que constitui um ser significativo e verossímil, visto que personagem machadiana e *mimese* das personalidades do homem do século XIX. Enfim, Sofia é a representação do universo capitalista.

Porém, esta obra literária machadiana, vem para nos propiciarmos uma reflexão mais profunda do nosso verdadeiro 'EU', mostrando claramente que todos nós possuímos uma personalidade ambígua, não somos inteiramente bons, nem inteiramente maus, é como a vencedora Sofia, agimos de acordo com a nossa

conveniência. Desta forma, a sociedade caminha cada vez mais para uma existência de aparência "Status", levando-o ao desequilíbrio moral.

Minha contribuição pessoal social, é que esta análise serve como de estudos não somente sociológicos, mas, também psicológicos. A proposta é também levantar curiosidade aos acadêmicos de letras e outros a lerem as obras de Machado de Assis e assim abranger uma gama de informações sobre o autor e suas obras.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ASSIS MACHADO DE. *Obra completa*. 3.ed. Rio de Janeiro, Aguiar, 1974, v.2.p. 605-11.

ASSIS, MACHADO, *Quincas Borba*, São Paulo: ed. Ática, 1997.

AZEVEDO, ALUÍSIO. *O Mulato*. Ed. Ática, São Paulo, 1988.

BENJAMIM, Walter. *Experiência e Pobreza*. In:Magia e Técnica, arte e política.São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. 1. ed. São Paulo: Àtica, 2000.

BRAIT, BETH. *A Personagem*.7.ed. São Paulo: Àtica, 2000.

CADEMARTORI, LÍGIA.*Períodos Literários*.9.ed. São Paulo: Ática, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. *Literatura e Sociedade*. 8.ed. São Paulo: T.A Queiroz , 2000.

Coutinho, Afrânio. *Era Realista era de transição*. São Paulo:Global, 1997.

D'ONOFRIO, SALVATORE. *Metodologia do Trabalho Intelectual*. São Paulo: Atlas, 1999.

DUCROT, Oswald . Todorov, *Tzvetan. Dictinnaire encyclopédique dês sciences du langage* Paris, Sueuil, 1972 p.286.

FILHO, BARRETO. I*ntrodução a Machado de Assis*.2.ed.Rio de Janeiro: Agir, 1980.

GOTLIB, NÁDIA BATTELLA.*Teoria do conto*. 4.ed.São Paulo:Ática, 1988.